

Nação e nacionalismo na era global: o caso da reunificação da Alemanha

Nation and nationalism in the Global era: the case of Germany reunification

MÁRCIO SANTOS DE SANTANA

Meridiano 47 n. 98, set. 2008 [p. 25 a 27]

Nação, nacionalismo, nacionalidade são termos intimamente ligados, uma vez que designam componentes de uma mesma problemática, qual seja, a da construção e/ou reconstrução da nacionalidade, de suma importância nos dias atuais, em virtude das discussões sobre o processo de globalização. Este, por sua vez, traz em seu bojo idéias como aldeia global, integração do mundo, civilização universal, governo mundial, entre outras variações. Exatamente neste contexto de globalização, de certo modo como uma resposta ao processo, é que se tem expandido e aprofundado as discussões e manifestações identitárias em diversas partes do mundo.

Os teóricos que se dedicaram ao estudo da problemática da nacionalidade têm apresentado alguns instigantes caminhos de análise. Ernest Renan é um desses pensadores, dos mais antigos e ilustres. É dele a célebre frase sustentando que “a essência da nação é que os indivíduos tenham muitas coisas em comum e, também, que todos tenham esquecido muitas coisas”. Este princípio de seletividade é, com certeza um dos mais importantes para a solidificação de qualquer nação. A solidez das nações e a intensidade do nacionalismo devem impressionar os analistas que apostaram na superação do Estado-nação, das nações e do nacionalismo, sobretudo aqueles que compartilharam das teses de Kenichi Ohmae no seu O fim do Estado-nação. O caso da reunificação da Alemanha é paradigmático para um princípio de abordagem da reação das nações ao processo.

Estudiosos têm apontado que o grande desafio para os alemães é destruir o “muro psicológico”, ainda presente nas suas mentes. A parte ocidental da Alemanha é detentora de uma melhor qualidade de vida em relação à parte oriental. Isso porque recebeu sólidos investimentos internacionais que possibilitaram um desenvolvimento econômico muito superior, gerando um visível descompasso entre as duas sociedades, servindo como substrato para diferenças culturais sólidas, além de cristalizar um status de relativa inferioridade para o lado oriental.

A destruição da barreira cultural e a conseqüente integração são desafios de grande envergadura. Essa nação tem conseguido sucesso na reconstrução de sua nacionalidade. Reintegrar uma população há muito separada demanda ênfase na criação de símbolos, rituais, cerimônias, valores e mitos em comum às duas partes. Tanto a fração oriental quanto a ocidental criaram formas de sociabilidade durante as décadas de separação. Acrescente-se a isso a necessidade de sepultamento das lembranças, não só dos tempos em que a nação esteve dividida, mas, sobretudo, dos horrores nazistas.

Em busca da reintegração das duas sociedades foram realizados, em 9 de novembro de 1999, eventos cívicos na Alemanha para comemorar os dez anos da queda do Muro de Berlim. Na ocasião foram feitas homenagens aos “valorosos alemães orientais”, conforme as palavras do então chanceler Gerhard Schroeder. O evento contou com a presença

de autoridades políticas da época, como o ex-chanceler alemão Helmut Kohl e os ex-presidentes George Bush (EUA) e Mikhail Gorbatchev (União Soviética). Schroeder, em seu discurso, foi enfático sobre a participação popular ao afirmar que “a queda do muro não foi decidida em Bonn, Washington ou Moscou, mas pela gente valorosa que saiu às ruas gritando ‘somos o povo’”.

A estratégia discursiva é sagaz: a reconstrução da nação foi feita por todos, mas o protagonista do processo é o povo, que unido lutou por uma causa comum. Nesse sentido, o objetivo de tal tipo de comemoração é relembrar os rumos trilhados pela coletividade em busca da concretização dos ‘objetivos em comum’ e fazê-los pensar o quanto tal processo foi custoso e, por isso, valoroso para todos. É a reafirmação dos valores coletivos agora renovados, ao conter uma mensagem objetiva: ex-alemães ocidentais e os ex-alemães orientais desejaram tal desenrolar dos fatos, enfim, foi a força da nacionalidade alemã que pesou para tais atitudes catalisadas pela ação do povo. Mesmo que a população há muito estivesse separada, o tempo não foi suficiente para destruir os laços de identidade que os unia.

No discurso político, mesmo que de maneira implícita, o nacionalismo aparece como a força que sustentou a cultura em comum à população dos dois países, dando-lhes coragem para lutar pela reunificação. Obviamente, uma menção especial é feita aos ex-alemães orientais que, por assim dizer, converteram-se na parte mais fraca da história, visto que viviam num mundo socialista que ruiu. Era importante explicitar que as transformações eram positivas para todos, pois trazia em seu bojo sólida tendência de isonomia.

No ano seguinte, em outubro, foi realizada uma festa comemorativa dos dez anos de reunificação do país. Na ocasião eram esperadas pelo menos 250 mil pessoas que iriam percorrer pontos históricos, tais como o Portão de Brandemburgo e as ruínas do Muro de Berlim, ou seja, um programa explicitamente voltado à elevação cívica.

Outra medida simbólica foi o retorno do Parlamento alemão a Berlim. O chanceler alemão disse que a saída do governo e do Parlamento de

Bonn era “um retorno à história da Alemanha”. Tal medida recolocaria o país nos eixos da tradição. É um marco da transformação pela qual passa a nação alemã, no seu intenso “acerto de contas” com o passado. Schroeder justificou o retorno como ato legítimo e enredado na tradição: “Nossa democracia e nosso parlamento são fortes e estáveis. A mudança para Berlim não interrompe a história da Alemanha pós-guerra”.

Um dos objetivos da mudança era combater o desnível entre o empobrecido setor oriental e o próspero setor ocidental. As obras de reconstrução, iniciadas em 1995, foram feitas sob a direção de Norman Foster, arquiteto britânico, tratando-se de uma obra monumental, haja vista a reconstrução do Reichstag ter consumido cerca de 604 milhões de marcos (US\$ 330 milhões). A intervenção foi radical, uma vez que Foster recuperou as características renascentistas originais da edificação, tal como projetadas pelo arquiteto alemão Paul Wallot no final do século XIX, portanto anteriores ao nazismo, responsável pelo infame incêndio de 1933.

As nações são construídas e reconstruídas. São, de fato, “comunidades imaginadas”, para usar a terminologia de Benedict Anderson, ou seu passado é tomado por “tradições inventadas”, para usar o enquadramento dado à questão por Eric Hobsbawn. Contudo, esse processo gerenciado e previamente planejado, fruto de minuciosa engenharia social, deve respeitar um elemento essencial: a prévia existência de elementos simbólicos passíveis da manipulação. Não respeitada essa característica, o que seria engenharia social se converte em engodo e propaganda barata. Tal imperativo deve ser levado em consideração pelos países e por seus governantes e burocratas antes de enveredarem por processos de integração desprovidos de consulta à sociedade. Ou então haverá impasses como o existente no Mercosul, que não é fruto exclusivamente disso, pois se trata de um quadro complexo, ou mesmo dos fracassos em menor escala da União Européia em fazer sua constituição ser aceita em algumas partes da comunidade. Nesse sentido, devemos lembrar os versos de Fernando Pessoa, por intermédio de seu heterônimo Alberto Caieiro:

“O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,

Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”.

Recebido em 04/09/2008

Aprovado em 09/09/2008

Palavras-chaves: nacionalismo, Alemanha, Estado-nação

Key words: nationalism, Germany, nation state

Resumo: o artigo trata das conseqüências do processo de reunificação da Alemanha. Nesse sentido, aborda as dificuldades para se superar o passado problemático de duas Alemanhas no período da Guerra Fria.

Abstract: the results of the German reunification process, including the difficulties in overcoming the conflicted past of two Cold-war period Germanies.

